

Nali Rosa

EU E MINHAS MULHERES

2023

Revisão e edição: Marcus Alexandre Mendes de Andrade
Capa: Davi Vituchi

*Dedico este livro a Honório de Souza Rosa,
meu grande amor, meu amante, meu maior amigo.*

*Dizem que, atrás de um grande homem, sempre existe uma
grande mulher.*

*Mas acredito que é ao lado de um grande homem que existe
uma grande mulher*

PREFÁCIO

Prezados leitores e leitoras,

Vejo, neste momento, ao desfrutar desta obra literária que temos em nossas mãos, “Eu e minhas mulheres”, o momento da verdade.

Durante minha vida de professora de Língua Portuguesa e Redação, ainda não havia passado por uma experiência verdadeiramente profunda, vívida, terna, ética e de uma singeleza sem igual como foi usufruir da leitura deste livro.

Vocês vão conhecer momentos esclarecedores, escritos e descritos com muita discrição e ternura, profissionalismo e competência, descritos por uma autora que fala a partir de suas próprias vivências, visando sempre à promoção do valor e da dignidade das mulheres.

A ética profissional, a sensibilidade e a capacidade da Dra. Nali em compreender a alma feminina enriquecem a obra e prendem a atenção de seus leitores e leitoras do princípio ao fim.

Espero que encontrem, em cada episódio deste livro, o valor do cotidiano que nossa escritora vivencia! Conhecerão fatos alegres e esclarecedores, situações vividas intensamente e que potencializam o sentido de amar e ser amado (a).

Com muita alegria, escrevo este prefácio, a pedido da própria Dra. Nali, minha querida amiga, minha estimada ex-aluna, mulher sensível e competente, de uma alma feminina e amorosa! Uma verdadeira artista!

Comecem agora a compreender por que as mulheres são uma bela obra de arte, pintada neste livro como uma “tela da nossa vida”!

Por fim, ainda gostaria que ficassem impactados (as) e cientes de que a verdade, às vezes oculta, traz segredos que a própria razão desconhece.

Samira Nahass Gouveia Franco

PREÂMBULO

São muitos os convidados, mas quase ninguém tem tempo

Enquanto ouvia tais palavras, fiquei pensando no “tal” do tempo.

A gente se levanta correndo, não tem tempo para dar um beijo no filho e na filha, que se levantam correndo mais ainda...

Se der tempo, damos um “Oi” corrido para os netos...

Se der tempo, perguntamos para a ajudante e para o jardineiro se passaram bem o final de semana...

Se der tempo, rezamos um terço antes de descer para o consultório...

Se der tempo, ligamos para a amiga que faz aniversário...

Se der tempo... Se der tempo...

Sonhos? Férias? Viagens? Se der tempo, a gente realiza...

Ando com raiva do tempo. Já vivi tanto... E não deu tempo... Abracei pouco; li pouco; escrevi pouco!

Já li que a gente só se realiza quando tem um filho, planta uma árvore e escreve um livro. E eu ainda não escrevi o livro que tanto sonho em escrever...

Se bem que já sei o que quero dizer. Sei até o nome do livro. Ele se chamará "EU E MINHAS MULHERES". Eu sei que tenho muitas histórias para contar. Mas não tenho tempo...

Acho que vou pedir para Deus mudar o relógio do tempo. Aumentar a duração dos segundos, dos minutos, das horas, dos anos... Assim talvez, eu tenha mais tempo.

Ou talvez... não sinta como pesa o tempo!

INTRODUÇÃO

Como cheguei a ser médica

Fecho os olhos e peço à secretária que me dê um tempo. Coloco os pés sobre a mesa e tento relaxar. Respiro lentamente, uma, duas, três vezes, e tento fazer meu pensamento voar para outro lugar. Mas não consigo. Não dá para fugir da realidade, apenas porque fechei a porta e elas acabaram de sair. Continuo sofrendo com elas e por elas. Não tem como fechar os olhos e não chorar, não sofrer, e apagar da memória tanta tristeza, tanta miséria moral.

Meu pensamento voa, atravessa estradas, mares montanhas... Encontra várias meninas que, como a minha pequena paciente que acabou de sair, foram humilhadas, espancadas, violentadas.

E fico me perguntando: Por quê? Por que motivo somos desde sempre objetos sexuais de seres que não são em nada mais do que nós?

Às vezes me sinto assim como a minha bisavó, que veio de Mato Grosso, buscar nas Minas Gerais paz para a sua família. Nestes momentos, revivo o tempo de mucamas, de maridos guapos, de filhos e mais filhos para parir, amamentar, acalentar e tantas vezes perder...

E, sonhando, conservo, nos meus sonhos, histórias muitas vezes tristes de mulheres que através do tempo traçaram caminhos para que nós, mulheres de hoje, pudéssemos pensar, agir e lutar por direitos iguais para todos. Quando perguntam qual é a minha profissão, não digo que sou ginecologista, nem sexóloga. Digo apenas que sou médica de mulheres.

E nem queria ser médica. Queria ser artista.

Durante minha juventude, fiz balé e declamação, preparando-me para o grande voo que seria ir para São Paulo e trabalhar no teatro com Cacilda Becker, Sérgio Cardoso e outros atores de teatro famosos da época. Sim, eu queria ser artista.

Mas uma artista criada numa tradicional família mineira? Nem pensar!

Quando terminei o curso normal (naquela época, toda moça de boa família fazia normal para ser professora ou se casar), vi que era hora de dar o grande voo... Criar asas e voar para os grandes teatros do Brasil.

Logicamente, meu pai podou minhas asas na primeira conversa.

– Ser artista? Nunca! Quer me matar de vergonha? Imagine se eu teria coragem de contar para meus amigos que minha filha é uma artista.

Na verdade, quem não queria saber desta história era minha mãe. Ela sim era, muito mais do que ele, ligada às antigas tradições familiares. E, como sempre fazia, conseguiu convencê-lo de que a sua menina querida, “se perderia” se fosse artista.

Meus dois irmãos, já faziam medicina... Eu não queria nem pensar em voltar para a minha pequena Campina Verde, e lecionar. Vi então que ser médica seria um jeito de criar asas.

Fui para o Rio de Janeiro fazer cursinho. Morava com meu irmão que já fazia medicina lá. Foi um período de grandes mudanças na minha vida. Uma mineirinha de criação tradicional, morando no Rio, era um grande salto para o futuro. Naquele tempo, sem a internet, as novidades

andavam lentamente. As cariocas eram bem mais liberais e avançadas para a época.

Meu irmão, apesar de grande amigo, tinha uma frase que era repetida cotidianamente: “Amigo meu, que é meu amigo, não namora a minha irmã”. Resultado: eu era a grande amiga de todos. Só podia ser grande amiga. É lógico que tive amores platônicos, com quem passava noites inteiras conversando. Mas só conversando.

Tínhamos o hábito de fazer uma reunião aos sábados, regada a cerveja e pão de queijo. Meus pãezinhos de queijo, feitos muito pequenos, tornavam-se aperitivo para ser degustados com cerveja. Invariavelmente, aos sábados, nos reuníamos, até a hora em que os vizinhos reclamavam do barulho e éramos obrigados a encerrar a “festa”.

Aos domingos, íamos cedo para a praia. Naquele tempo ainda não sabíamos dos males que o sol podia causar. Ficávamos o dia todo ao sol, tomando mate gelado e jogando baralho. Eu sempre tive muita dificuldade de me bronzear. Imaginem que a gente passava coca cola no corpo para se bronzear.

Durante a semana, era só estudar. Eu, que fizera normal, nunca tinha visto física, química ou biologia. Mas, em compensação, tinha uma memória “afiada” nos cursos de declamação. Decorava tudo, já que não conseguiria aprender num ano o que era ensinado em três anos. Resultado: passava noites e noites e, às vezes, amanhecia estudando, sem pregar o olho, tomando café com coca cola para não dormir sobre os livros. Valeu o esforço! Consegui passar em três faculdades de medicina.

Meus irmãos acharam que eu deveria ficar em Uberlândia porque, se ficasse no Rio, iria ficar “para frente” igual as cariocas.

Assim, entrei na Faculdade de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, em 1970. Durante a faculdade, conheci um professor de anestesia, Dr. Valter Manhães, que, como eu, adorava teatro. Com alguns colegas, montamos o Show do Esqueleto para angariar fundos para a festa de formatura. Era teatro estilo “besteírol”.

Caricaturando o comportamento cotidiano, tanto fazíamos rir como chocávamos a tradicional família uberlandense que nos assistia no tradicional Uberlândia Clube todos os anos.

Em 1973, casei-me, ainda estudando, com Honório, o meu grande amor e colega de classe. Nós nos formamos em medicina em 1975 e fomos nos especializar no Rio.

Foi neste momento que começou a sucessão de eventos que aqui serão narrados, cuja memória permanece mantida em meu coração assim como os nomes e os rostos de cada uma dessas mulheres que, carinhosamente, passei a chamar, ao longo de minha vida, de “minhas mulheres”.

- I -

Enfrentando um pai armado

Certa vez, enquanto atendia no Sindicato dos Trabalhadores em Campo Grande, na periferia do Rio de Janeiro, entrou um senhor, forte e moreno. Sem cumprimentar, colocou um revólver em cima da mesa e perguntou:

– Quero saber se a minha filha, esta moça que acabou de sair, fez aborto.

Rezei baixinho, e com uma calma que só Deus pode ter me dado, consegui convencê-lo de que eu, ao me formar, tinha feito um juramento. Jurara que jamais revelaria a ninguém os segredos que me fossem revelados.

Se contasse para ele o que a sua filha havia me contado ou feito, estaria cometendo um crime e quebrando um juramento.

Disse então que ele deveria se acalmar, porque matar o namorado da filha ou a própria filha não resolveria nada. Só o tornaria um assassino. Disse ainda que ele deveria dar apoio à filha e conversar com calma, porque violência não resolve nada. Só gera mais violência.

Quando saiu, o guarda do ambulatório entrou tremendo e dizendo que eu acabara de conversar com um bandido, chefe de uma quadrilha, que já cometera vários crimes. Disse ainda que, nesses casos, o prudente era dar uma desculpa e sair para chamar a polícia, que estava sempre na esquina.

Eu, na verdade, não tinha percebido a situação de perigo que vivera. Mas, justamente pela minha inocência, convenci um pai violento a ser menos bandido e mais pai.

Essa vivência, assim como outras, era contada aos sábados para o Honório, meu marido, quando a gente se encontrava em nosso apartamento em Copacabana.

Saíamos na quinta e, cada um para o seu lado, dava plantões e se aperfeiçoava dentro da profissão que adorávamos e que nos dava lições de vida sempre maravilhosas. Foi um período lindo e intenso.

Aos sábados, o joguinho de baralho com os amigos na praia durante o dia e as reuniões regadas a pão de queijo e cerveja à noite. Era o mesmo que estar no paraíso.

Trago desta época lembranças tão belas que me fazem acreditar que o Rio é realmente a Cidade Maravilhosa...

No decorrer destes meus quase cinquenta anos de profissão atendendo mulheres, vi de tudo um pouco, e tenho muita coisa pra contar.

Encontrei mulheres que gostam de homens, mulheres que gostam de mulheres, mulheres que gostam de apanhar, mulheres que gostam de bater, mulheres que não gostam de sexo, mulheres que querem morrer. Cada uma traz uma história de vida diferente, e vivo, com cada uma, a sua história.

Ao contar algumas histórias que vivi e ainda vivo no meu cotidiano, tentarei mudar um pouco a realidade dos fatos e colocar nomes fictícios para que ninguém identifique o que obrigatoriamente deve ser sigiloso.

- II -

Mulher não é médica; é parteira

No início de 1977, começamos a trabalhar na Clínica Materno-infantil em Campina Verde, Minas Gerais. Honório como pediatra e eu como ginecologista e obstetra.

Na minha primeira semana atendendo como obstetra no Hospital São Vicente de Paulo, fui chamada para fazer o meu primeiro parto na cidade.

Eram duas horas da manhã, quando entrei num quarto do hospital, onde uma mulher de mais de cem quilos, já na quinta gestação, gemia assustada. Ao examiná-la, vi que tinha dilatação total; aí disse à enfermeira que a levasse para a sala de parto. Foi então que o marido, que não tinha tirado nem o chapéu nem o cigarro da boca, disse em alto e bom tom.

– Chamem um médico. Se eu quisesse uma mulher para fazer o parto da minha esposa, tinha ficado na fazenda, onde tem parteira de sobra.

Logicamente, tive que dar uma de macho e responder que eu não era menos que nenhum médico apenas porque não era homem.

Fechei a cara e mandei que ele saísse do quarto.

A essa altura, já não havia mais tempo para irmos para a sala de parto. Dali a poucos minutos, abri a porta e mandei-o entrar para ver a mamãe com o seu primeiro filho homem nos braços.

E não é que o marido ficou todo agradecido?

– A senhora conseguiu me dar o machinho que eu tanto queria.

Eu já fizera muitos partos na cama das enfermarias dos hospitais do Rio, onde, muitas vezes, o movimento era tão

grande que as pacientes, chegando no período expulsivo, não tinham tempo de ser levadas para a sala de parto. Mas logicamente não era o que eu esperava que seria minha estreia como obstetra na cidade.

Muitas dessas mulheres, que nasceram em meados do século passado, tiveram dificuldade para entender as modernidades que foram aparecendo com o advento da pílula e o acesso cada dia maior da mulher à universidade e aos cargos de comando.

Será que é correto dizer que as relações amorosas do século XX eram mais intensas por causa do romantismo e da criação diferenciada das mulheres? Ou são as mães que acreditam que, envelhecendo, viraram santas e apagaram todos os erros (erros?) cometidos no passado?



- III -

Hora de transar

Certa vez, uma mãe me trouxe a filha adolescente ao consultório. Assim que se sentaram, começaram a brigar na minha frente. A mãe dizia que a filha tivera a ousadia de pedir dinheiro para fazer uma consulta ginecológica, porque queria começar a transar. A filha só chorava e falava que tinha uma mãe careta e fora do seu tempo.

Perguntei à filha se queria ficar sozinha comigo e, mediante sua anuência, ficamos só as duas no consultório.

– Doutora, me disse ela, qual é a época ideal para uma jovem começar a transar? Meu namorado tem cobrado um relacionamento mais íntimo e nós tivemos uma briga muito grande por este motivo. Ele disse que eu não o amo, porque, se o amasse, queria transar... Fiquei muito triste e sem saber o que fazer; chorei a noite toda. Resolvi, então, me abrir com as minhas colegas, e todas disseram que sou careta e estou perdendo a melhor fase da minha vida. Hoje resolvi encontrar uma desculpa para conversar com a senhora. Não tenho coragem de conversar com minha mãe, porque sei que ela ainda me acha muito criança e não vai entender se eu disser que, na verdade, eu também tenho uma vontade louca de transar. Mas alguma coisa me diz que ainda não é hora. Estou certa? Sou normal?

Quando vi seus olhinhos suplicantes, entendi que ela queria, na verdade, uma permissão para iniciar sua vida sexual. Entendi que ela brigava consigo mesma, porque não sabia se, neste caso, querer é poder.

Confesso que senti vontade de colocá-la no colo e dizer como quem dá um presente a uma criança: “Vá, realize seus

desejos, mate a sua sede de amor, ame intensamente, curta este amor adolescente que colore o seu mundo e lhe enche de paixão”. Mas eu sabia que não era hora de lhe dar minha “permissão”.

Disse-me, então, esta doce menina, que namorava há três meses um rapaz que era divorciado, 12 anos mais velho que ela. Ele não gostava de sair de casa. Nem de apresentá-la para seus amigos.

Ao vê-la com o rostinho cheio de acne, e um pouco acima do peso, como é comum em adolescentes, entendi o motivo do namorado querer escondê-la.

Ela me disse que ele bebia muito e que, nestas horas, ficava agressivo e que, inclusive, já tentara agredi-la.

Disse também que agora ele tinha dado um ultimato: ou começavam a transar ou terminavam o namoro. Mas disse que ela deveria tomar pílula porque, como ele já tinha filhos, não queria mais estes “incômodos”.

Depois de muitas lágrimas, ela resolveu me escutar. E eu, pedindo a Deus que colocasse as palavras certas na minha boca, lhe falei.

– Minha menina querida, este seu namorado quer lhe tirar os sonhos. Quer que você busque logo a solução mais fácil para ele e não para vocês. Na verdade, o que me parece que ele quer é usá-la sem compromisso. Você precisa realmente tomar pílula para começar a sua vida sexual e para melhorar a sua pele com o uso certo do anticoncepcional. Precisa também entrar para uma academia e começar a malhar para ficar com o corpo bonito e sarado. No entanto, precisa conhecer antes o coração do seu namorado, para depois lhe dar o seu corpo. Você já se perguntou por que motivo ele não quer sair e apresentá-la aos amigos? Não acha